

Crítica // Anora ★★

Fervura inconsequente

Ricardo Daehn

Ainda que a festividade da Disney apareça como alvo do desejo dos protagonistas do mais novo filme de Sean Baker, ganhador da Palma de Ouro no Festival de Cannes, há uma ressaca, inevitável, em curso. Jovens de 21 e 23 anos, respectivamente, Ivan (Mark Eydelshteyn) e Ani (Mikey Madison) refestelam-se na cama, numa realidade em que o sexo está à venda, e na qual descobre-se que o amor não pode nunca ser negociado. Sem ser grande novidade para Ani, sexualizada até a última raiz de cabelo, o desamor acusa o potencial de uma sociedade nada paternalista e muito patriarcal.

Num filme em que quarentões são dados como caso “geriátrico”, o diretor tem como meta celebrar o novo e o opulento. Tudo reluz e grita, no cotidiano de uma

FILMNATION ENTERTAINMENT



Anora: excessos em cena

prostituta mimada. Saída de um inferninho novaiorquino, Ani vive uma realidade paralela a dela. Anda com altos tipos bem esquisitões, e, aos poucos, se sentirá parte “da família” de Ivan, rendida a uma felicidade oca e ilusória, e alimentada por dólares.

Inflada e anárquica, a fita bebe dos filmes de John Cassavettes — mas apenas nos termos de ser gritada

e exacerbada. Quando Ani conquista terreno na mansão de Ivan, ela diz gostar do cafofo, enquanto o casal segue agindo como crianças. Uma certidão de casamento (genuinamente gerada em Las Vegas) vai gerar a injeção de um humor enamorado ao de Borat.

Tapas, socos, fugas e pessoas amarradas geram a ponta de comicidade aos moldes de Almodóvar,

quando da fase inicial, com o estilo *Ata-me*. Confusões e lubricidade atingem o clímax exaustivo, depois da entrada de Toros, um (fake) padre armênio interpretado por Karren Karagulian, ator dos filmes de Baker, desde *Uma estranha amizade* (2012). Algo inusitado no desfecho, de leve, o longa ainda trata, de leve, da geração “ética zero”, criada no Insta. Uma leve paulada.

Crítica // Meu bolo favorito ★★★

Do prazer da experiência

Em Teerã, os diretores e roteiristas Maryam Moghadam e Behtash Sanaeeha (talentos ecalados para o Festival de Berlim — desde *O perdão*, criado em 2020) amarraram mais uma trama singela, mas extremamente competente e humanista. Com uma interpretação cativante Lili Farhadpour interpreta a protagonista Mahin, viúva há 30 anos, algo arredia em seguir a vida.

Numa levada ao estilo

de *Chuvas de verão* (1978), um clássico de Cacá Diegues, a terceira idade em *Meu bolo favorito* ganha um tratamento realista e divertido. Da vivência, Mahin traz régua e compasso a campo, investindo na conquista do solteirão vivido (com brilho) por Esmaeel Merhabi. Faramarz está a passos de se ver perseguido pela idosa que tem lábia, um garrafão de vinho, um fogo encabulado

IMOVISON



Meu bolo favorito: entre gargalhadas e lágrimas

e muita disposição como artimanhas. Hilária e tocante a história da senhora

renovada para o amor e do taxista (adepto de tadalafila) empolga.